


[BUSCA](#)

[ACESSO ADIVADO](#)
[EMAIL](#)
[CADASTRE-SE](#)
[BANDA LARGA](#)
[CELULAR](#)
[NOTÍCIAS](#)
[GOVERNOS](#)
[HOJE DIAS](#)
[CLASSIFICADOS](#)
[CENTRAL DO CLIENTE](#)

ODIAonline **Especiais**



[Início](#)
[História](#)
[Roteiro a dois](#)
[Testes](#)
[Cartões](#)
[Presentes](#)
[Os Astros](#)
[Mural](#)
[Blig](#)
[Temas Musicais](#)
[Área Comercial](#)


Arvalu Fisiopilates
 Indústria e Comércio Ltda

Matérias

Solitárias no Rio de Janeiro

Metade das cariocas está sozinha. Copacabana é o bairro em que há mais mulheres desacompanhadas na cidade: 64% vivem sem par

Maria Luisa Barros

Quase a metade das mulheres do Rio está sozinha. Quarenta e sete por cento delas são viúvas, solteiras ou descasadas. O município ocupa a sétima posição no ranking nacional da solidão. Em 30 anos, a população feminina ficou mais rica, mais educada, mais urbana, mais velha e mais solitária – como as mulheres de Copacabana, as vice-campeãs em solidão em todo o País.

No Rio, o bairro é o que tem o maior número de solitárias: 64% das mulheres vivem sós. As estudantes Juliana Almeida do Carmo, 21 anos, e Bianca Lellis, 19, moram em Copacabana e endossam a pesquisa. “No Rio, ninguém quer compromisso”, afirma Juliana.

Bianca, assídua frequentadora de micaretas, emenda: “Acho que o Rio tem muito solteiro porque a maioria é estudante. Nas festas, só vejo gente sozinha e que mora em Copa”.

No outro extremo, aparece Nova Iguaçu, único município fluminense a figurar entre as cinco cidades do País com o maior número de acompanhadas. No bairro de Tinguá, a proporção de acompanhadas é ainda maior: 67,59%. Bem acima da média carioca, de 52,6%.

As conclusões estão na pesquisa [Sexo, Casamento e Economia](#), divulgada ontem pela [Fundação Getúlio Vargas \(FGV\)](#), que levantou a situação conjugal de homens e mulheres nos 5.507 municípios brasileiros.

O estudo revela que a sociedade passou por profundas transformações desde 1970. No período, os casamentos informais quadruplicaram. O número de separações quase dobrou, de 4,13% para 6,97%. Os casamentos tradicionais na Igreja caíram de 60%, em 1970, para 45%, em 2000.

Há 120 mulheres para cada 100 homens

“Talvez os casamentos de antigamente fossem mais indissolúveis por causa da dependência econômica da mulher pelo marido”, explica Marcelo Neri,



Quer me encontrar?

Procuo:

 Idade:

 Estado:

conquista



portalmais
 Ligue para o portal mais
8809-5000
 tecle 1 e 1
 e conheça o amor da sua vida

diretor do Centro de Políticas Sociais, do Instituto Brasileiro de Economia da FGV.

No ranking dos 50 municípios com mais mulheres sozinhas, 29 são baianos e 8 são mineiros. Belo Horizonte é a capital dos homens solitários. Minas Gerais é a terra das viúvas e São Paulo, a cidade das divorciadas. Já o Rio, capital da solidão, existem 12 mulheres para cada grupo de 10 homens.

Eles, confirma a pesquisa, preferem as mais novas. Em 2000, 74% das uniões (formais ou informais) são de homens mais velhos que as mulheres. Sendo que apenas 19% delas se unem a maridos mais jovens. A partir dos 35 anos, a diferença das taxas de solidão entre os sexos cresce – 1 ponto percentual a cada ano até a terceira idade. **(Colaboraram Christine Lages e Hélio Lessa)**

Casamentos se multiplicam em Nova Iguaçu

A vocação de Nova Iguaçu para o casamento pode ser chamada de devoção. "Esqueceram que o padroeiro daqui é Santo Antônio?", brinca a dona-de-casa Ermeci de Araújo Pereira, 70 anos. A família de Emerci reza pela cartilha do matrimônio.

Casada pela segunda vez com o suboficial da Marinha Pedro dos Santos Pereira, 63, Emerci está no grupo de 54,5% das mulheres da cidade que vivem com um companheiro. Emerci tem quatro filhos (três casados), nove netos (três casados) e quatro bisnetos. "Casar é muito bom. Se não der certo na primeira vez, tem que tentar de novo. Fui casada por 14 anos e infeliz. Encontrei o atual marido e, depois de 34 anos morando juntos, nos casamos de papel passado, há quatro anos".

Pedro faz coro: "A família é a base de tudo. A gente só consegue isso casando". O mais novo do clã a entrar para o hall dos homens sérios foi o neto Ercílio, 20. Ele se uniu a Sara, 17, e já tem um filho, Breno, de seis meses.

Rendimento maior entre divorciadas

Uma das conclusões da pesquisa da FGV é que a renda interfere no estado civil das mulheres. A proporção de casamentos, formais ou não, é maior em regiões carentes. Dos cinco bairros do Rio com maior número de acompanhadas, três são em áreas pobres: Maré, Rocinha e Complexo do Alemão.

Neste último mora a doméstica Josefa Maria da Silva, 51 anos, casada há 36 anos. "Tenho quatro filhos e rendimento de R\$ 260. Se fosse solteira, ganharia mais. Acho que aqui é um dos lugares com mais mulheres casadas porque muitas vêm do Nordeste, onde são criadas para formar família", diz.

O economista Marcelo Neri explica que a dependência financeira é a principal causa das uniões mais duradouras nas famílias de baixa renda. "Quando a mulher tem melhor condição econômica, ela pode optar entre ficar sozinha ou acompanhada", diz. Também moradora do Complexo do Alemão, a comerciária Maria da Graça Salvador, 36 anos, está no segundo casamento. "Sou casada há 10 anos. Ganho R\$ 500 ao mês. Com filhos, só posso chegar ao comércio depois das 15h", diz.

Outra constatação apontada no estudo é que a renda é maior entre as divorciadas: R\$ 777, em média. Já as mulheres casadas informalmente têm rendimento mensal de apenas R\$ 197,9. Entre as que oficializaram a união no civil e no religioso, o ganho médio sobe para R\$ 291,84.

Bem-sucedida e sem pressa de casar

A solidão conjugal atinge mais mulheres com melhor situação socioeconômica. As sozinhas ganham 62% a mais que as acompanhadas. Enquanto as casadas recebem em torno de R\$ 244, a renda média das descasadas, solteiras ou viúvas chega a R\$ 396.

O estudo aponta três razões para a solidão feminina: homens morrem antes das mulheres; elas preferem companheiros mais velhos; e a independência econômica conquistada nos últimos anos. Para o economista da FGV responsável pela pesquisa, Marcelo Neri, o aumento no número de mulheres solitárias no Brasil é reflexo da emancipação feminina no mercado de trabalho. "As mulheres estão adiando o casamento e ficando mais tempo sozinhas em função das conquistas profissionais", observa.

Solteira, bem -sucedida e moradora da Lagoa, bairro nobre do Rio, a promoter Alessandra Amaral, 31 anos, é um exemplo dessa realidade. "Se estivesse casada e com filhos, não conseguiria chegar aonde cheguei, pois não teria tempo para me dedicar à empresa de eventos que montei em sociedade", diz.

Depoimento: 'Priorizei a vida profissional'

"Sempre dei prioridade à minha vida profissional. Não dependo financeiramente dos meus pais há muitos anos. Sempre me virei sozinha. Há um ano abri uma sociedade e nosso trabalho atualmente já é muito reconhecido. Fazemos, pelo menos, um evento por semana e cobramos R\$ 5 mil em cada um. Ainda moro com meus pais, mas acredito que hoje, com 31 anos, estou preparada para conhecer a pessoa com quem vou me casar".
ALESSANDRA AMARAL, PROMOTER, 31 ANOS

[Voltar](#)

